

Brasil paga mais caro para captar no Exterior

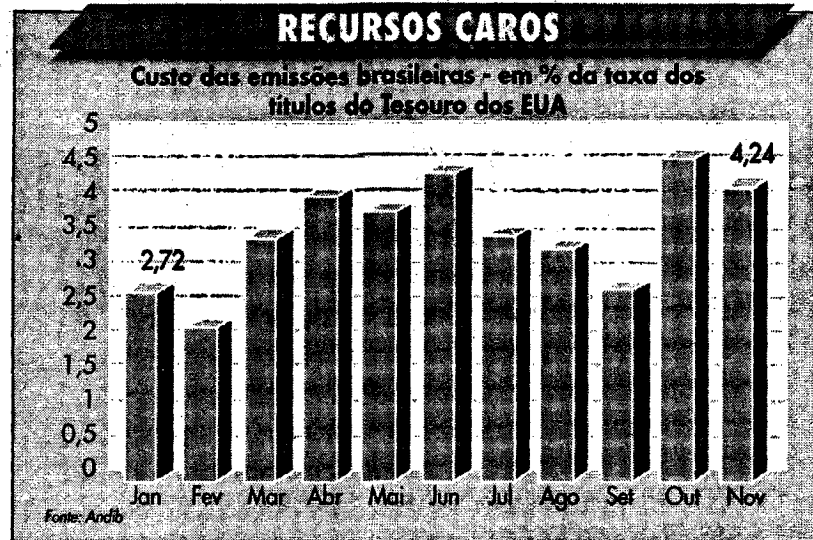
Anbid mostra que Argentina, México e Coréia do Sul colocaram papéis a juros menores em 95

ALCIDES FERREIRA

O Brasil pagou mais caro do que Argentina, México e Coréia para captar recursos no Exterior em 1995. Segundo um estudo da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), o Brasil pagou uma taxa média de 3,75% acima do rendimento dos títulos de longo prazo do governo dos EUA em 1995.

Seus "concorrentes" entre os países emergentes conseguiram tomar recursos mais baratos. O México pagou, em média, 3,46% sobre os papéis do Tesouro americano. A Argentina, 3,63%. E a Coréia do Sul, apenas 0,65%. A pesquisa levou em consideração as emissões feitas por esses países até novembro de 1995. Nesse período, o Brasil captou US\$ 8,94 bilhões em títulos no Exterior. Até dezembro, o volume de emissões vai ultrapassar US\$ 10 bilhões, praticamente o dobro das operações feitas em 1994, de US\$ 5,37 bilhões.

O gerente técnico da Anbid, André Loes, explica que uma das principais razões para o elevado custo pago pelo Brasil para captar no Exterior em 1995 é o fato de que mais empresas privadas foram ao mercado tomar dinheiro. Essas empresas privadas eram pouco conhecidas internacionalmente. Assim, tiveram de pagar remunerações superiores nos seus títulos para atrair investidores, taxas maiores inclusive do que as praticadas pelas companhias estatais brasileiras. Na comparação com Argentina, México e Coréia, o País ficou em desvantagem porque nesses países as compa-



nhias têm maior tradição de empréstimos externos. Dessa forma, pagam taxas menores.

As empresas privadas brasileiras foram ao mercado internacional para fugir das elevadas taxas de empréstimo no País e, no caso dos bancos, aproveitar-se do diferencial entre este nível e os baixos juros no Exterior. Loes observa que, na pior das hipóteses, uma companhia privada brasileira pagou juros de 12% ao ano no Exterior, nessas emis-

CUSTO SOBE PARA EMPRESA DESCONHECIDA NO MERCADO

sões, com prazos mais longos. No mercado japonês, a captação ficaria ainda mais barata, como foi o caso do governo do Brasil, que pagou 4,50% por uma emissão de US\$ 976 milhões em junho. O Banco do

Brasil, em setembro, emitiu títulos de US\$ 102 milhões por 2,35%. No Brasil, uma empresa de primeira linha arcaria com até 25% de juros mais algum tipo de correção monetária com prazos inferiores aos internacionais. Além disso, aponta o especialista da Anbid, a tendência de globalização da economia brasileira está levando um número cada vez maior de empresas a estreitarem seus laços com a comunidade financeira internacional.

Loes diz que está ocorrendo uma redução nas taxas pagas pelo Brasil no Exterior, tendência que deve continuar em 1996. No primeiro semestre de 95, devido à crise do México, houve apenas 22 negócios. Apenas empresas que tinham muita necessidade recorreram ao mercado. No segundo, com 50 negócios, os prazos se ampliaram e as taxas caíram. A média saiu prejudicada porque muitas empresas novas entraram no mercado. Foi o caso, por exemplo, da Editora Abril e da Globopar que captaram a 6,35% e 5%, respectivamente, sobre os títulos do governo americano (usados como referência no Exterior) em duas operações no mês de outubro, puxando a média para cima. Mas o exemplo do governo do Brasil e do Banco do Brasil no Japão mostra a redução nas taxas para riscos semelhantes. Além disso, o Brasil pagou mais caro em junho porque há muito tempo não recorria ao mercado.

Um outro fator que pressiona o custo de captação do Brasil é seu histórico de mau pagador, devido às moratórias da dívida externa, observa o gerente técnico da Anbid. Dessa forma, a Coréia do Sul tem um custo de captação muito menor do que o brasileiro.

O risco cambial também fez com que as emissões de títulos de empresas mexicanas praticamente dobrasse nos últimos dois anos, lembra Loes, encostando no custo do Brasil.